

## A DIPLOMACIA DO TWITTER NO GOVERNO TEMER – OS PRIMEIROS APONTAMENTOS

### *Twitter diplomacy in the Temer government - the first notes*

Pablo Victor Fontes<sup>1</sup>  
Allan Santos Santos<sup>2</sup>

#### Introdução

Em um mundo cada vez mais interconectado e com um número crescente de atores internacionais, as Relações Internacionais passam sucessivamente por um processo de mudanças na sua estrutura e forma. Ainda no século XX, a diplomacia tradicional, fechada, voltada para um trabalho entre diplomatas e governo, com negociações completamente desconhecidas pelo público, deu lugar a uma nova forma de diplomacia – a diplomacia midiática (GILBOA apud BURITY, 2015). Mais adiante, a criação e o desenvolvimento da Internet trouxeram significativos impactos para a atividade cotidiana da política externa, incrementando os contatos entre os países e a instantaneidade nas suas comunicações. “A revolução da informação expandiu o paradigma da diplomacia tradicional, alargando o seu conceito e atualizando-o face às novas tecnologias e costumes” (APRIGIO, 2010, p. 8). É nesse contexto de novos desafios e oportunidades para as Relações Internacionais que a diplomacia digital pode ser entendida como um esforço de comunicação integrada, que deve ser levado à cabo por meio de uma linguagem simples e direta, uma vez que os Estados não se comunicam tão somente com outros Estados, mas também com a sociedade civil e os formadores de opinião (APRIGIO, 2010, p. 5). Como, no caso específico analisado, a diplomacia brasileira no governo do Presidente interino, Michel Temer, compatibilizou as novas tecnologias para comunicar o seu posicionamento entre governos e disseminar informações instantaneamente entre os cidadãos de todo o mundo?

Na tentativa de ilustrar como se dá a difusão de conteúdos da diplomacia brasileira na sociedade em rede contemporânea (CASTELLS, 1999), o artigo analisa seis postagens do Ministério das Relações Exteriores no Twitter, no dia 13 de maio de 2016, no intervalo das 19h29min às 19h34min. As mensagens foram veiculadas sob a gestão do Ministro José Serra em repúdio às manifestações dos governos da Venezuela, Cuba, Bolívia, Equador e Nicarágua, além da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América/Tratado de Comércio dos Povos (ALBA/TCP) e do Secretário-Geral da União das Nações Sul-

<sup>1</sup>Doutorando em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais (IRI/PUC-RIO). Email: pablvictorfontes@gmail.com

<sup>2</sup>Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: allansantos29ny@gmail.com

Americanas (UNASUL), Ernesto Samper, sobre a situação política interna brasileira, ou seja, o processo de Impeachment da Presidente da República, Dilma Rousseff. Acredita-se que como consequência das mudanças ocorridas na natureza do poder e da política externa a partir das novas tecnologias da informação – maior capacidade de interconexão em tempo real, instantaneidade no processo de comunicação, descentralização da tomada de decisões, redução ou eliminação de intermediários, além do deslocamento do real para o virtual – o Twitter se apresenta como um eficiente caminho para comunicar informações diplomáticas no governo Temer.

Embora outros governos anteriores no Brasil já tenham utilizado o Twitter em suas comunicações diplomáticas, escolheu-se o estudo de caso das seis postagens do governo Temer, em particular, pois entre os meses de abril e julho de 2016 um tema de política doméstica tornou-se uma das principais pautas da política externa brasileira, ganhando notoriedade internacional e mobilizando opiniões divergentes em âmbito global. Diversos governos e instituições se pronunciaram sobre o tema, especialmente após a aprovação do prosseguimento do processo de impeachment na Câmara dos Deputados<sup>3</sup>. A análise das seis postagens de Twitter que o MRE Brasil – Itamaraty publicou num espaço de apenas cinco minutos, rechaçando as críticas ao processo de impeachment de Dilma Rousseff, integra um conjunto de ferramentas ilustrativo para a descrição de como a diplomacia brasileira está instrumentalizando as novas tecnologias da informação para a execução da política externa no governo Temer. Acredita-se que as informações levantadas e examinadas nessa situação particular podem, posteriormente, ser inseridas em um contexto mais generalizado, permitindo a construção de narrativas a partir de um determinado conjunto de características e padrões de comportamento. Dessa forma, procura-se descrever a complexidade do caso concreto sem absolutamente pretender obter o geral.

A fim de atingir os objetivos traçados para esta pesquisa, estruturou-se o artigo em três sessões: a primeira versa sobre a fundamentação teórica dos efeitos da Era da Informação na diplomacia global e nas Relações Internacionais. A segunda aborda o desenvolvimento histórico e as características da diplomacia midiática no Brasil, em um recorte a partir do governo Fernando Henrique Cardoso. A terceira sessão analisa as postagens no MRE Brasil – Itamaraty no Twitter, no dia 13 de maio de 2016, na tentativa de traçar os primeiros apontamentos sobre a importância que a comunicação digital assume para as atividades diplomáticas brasileiras no Governo Temer.

### **A era da informação na diplomacia global**

Com o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e habilidades de gerenciamento da comunicação de massa, em especial redes de TV em nível global e a Internet, a comunicação tornou-se uma ferramenta decisiva para a manutenção e a ampliação do poder dos Estados no cenário internacional. Esses recursos são capazes de influenciar, positiva e negativamente, os poderes de ação dos três tradicionais pilares para a sustentação do poder no cenário internacional – os campos militar, político e econômico –

---

<sup>3</sup>No dia 17 de abril de 2016 foi aprovado, no plenário da Câmara dos Deputados (367 votos contra 137), o relatório a favor do impeachment que autorizou o Senado Federal a julgar a Presidente da República, Dilma Rousseff, por crime de responsabilidade fiscal.

devido à sua característica peculiar de estabelecer uma relação entre o social e o tecnológico, modificando rápida e profundamente as mais diferentes estruturas sociais, inclusive as Relações Internacionais (VALENTE, 2007). Como resultado de uma maior vulnerabilidade dos Estados à imprensa e à opinião pública, os agentes tiveram que redimensionar as suas estratégias de política externa e elaborar as suas práticas a partir dessa nova realidade. Nesse contexto, os Estados Unidos despertaram pioneiramente para os estudos que relacionam a mídia às Relações Internacionais (BURITY, 2013, p. 171).

Eytan Gilboa, professor de Ciência Política da Universidade de Harvard, foi um dos primeiros pesquisadores a publicar trabalhos nos Estados Unidos sobre a importância da mídia para as Relações Internacionais contemporâneas (VALENTE, 2007, p. 43). "A influência e o uso das redes internacionais de comunicação nas decisões, nos planejamentos e nas propagandas estatais passaram a ser denominadas por Gilboa (1987) de 'diplomacia midiática' (*media diplomacy*)" (BURITY, 2013, p. 167). Em seu artigo publicado em 2001, *Diplomacy in the media age: three models of uses and effects*, Gilboa sugere três modelos analíticos conceituais de diplomacia midiática, originalmente concebidos para promover investigações sistemáticas a respeito dos vários usos dos meios de comunicação como instrumentos de política externa e de negociações internacionais. Cada um desses modelos corresponde a uma relação específica entre a mídia e a diplomacia, dependendo do contexto, do tipo de veículo e da própria direção do meio de comunicação (BURITY, 2013, p. 166): diplomacia pública (*public diplomacy*), diplomacia na mídia (*media diplomacy*) e a diplomacia feita pela mídia (*media-broker diplomacy*).

De acordo com o Gilboa, diplomacia pública é quando o Estado e atores não estatais usam a mídia e outros canais de comunicação para influenciar a opinião pública em países estrangeiros, ou seja, é uma comunicação direta com os povos estrangeiros, com o objetivo de afetar o seu pensamento e, em última instância, o governo de seu país. Nesse modelo de diplomacia midiática os indivíduos do governo ou privados influenciam direta ou indiretamente as atitudes e opiniões públicas que afetam as decisões de política externa de outros Estados através da comunicação de massa, intercâmbios culturais, científicos, acadêmicos, artísticos, etc. O conceito de diplomacia na mídia é bastante confundido com o de diplomacia pública.

No entanto, enquanto neste a arma principal é a propaganda, na diplomacia na mídia, o meio de comunicação é um meio de negociação de impasses. A construção de pontes e da confiança entre Estados e atores não estatais passa pela mobilização do apoio público para o estabelecimento de acordo através de diversas atividades, como conferências, entrevistas, cobertura de visita de Chefe de Estado a determinado país e a presença de mediadores internacionais. Finalmente, a diplomacia feita pela mídia entende a mídia como um ator nas Relações Internacionais. Nesse terceiro modelo de diplomacia midiática, os jornalistas e a mídia atuam como mediadores de conflitos internacionais na fase de pré-negociação.

Em outro artigo publicado em 2002, *Global communication and Foreign Policy*, Gilboa analisa as novas funções que as grandes redes de comunicação global assumem na formulação e implementação da política externa, como instrumentos de controle, constrangimento, intervenção e negociação no cenário internacional. O papel da mídia como controladora (Efeito CNN) indica que a comunicação global trocou os

tomadores de decisão quanto às questões pautadas na intervenção militar. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, se tornaram atores influentes na formulação de políticas relacionadas à defesa e às crises humanitárias. Como um ator constrangedor, a mídia é mais um elemento no processo de tomada de decisões e a sua função principal é constranger o líder político a tomar decisões e agir em curto prazo.

A mídia como interventora atua nas mediações internacionais e muitas vezes os repórteres agem como intermediadores diretos ou indiretos nos conflitos para a conclusão de acordos e de resolução. Como ator instrumental, a mídia é utilizada por governos e diplomatas como uma ferramenta para mobilizar suporte e lograr acordos, estando também direcionada à conquista da opinião pública da sociedade internacional pelos governos. Camargo (2008) sugere uma quinta categoria de atuação da mídia: ator conflituoso, ou seja, promotora de conflitos através da veiculação de informações que desencarreguem conflitos entre Estados.

As mudanças extraordinárias nas tecnologias de computação, às vezes chamada de terceira revolução industrial, modificaram definitivamente a natureza das relações de poder na política global contemporânea. “É a imagem de um país ou de seu líder e o controle do fluxo de informações, e não somente os seus poderes militar e econômico, que auxilia na definição do seu status na comunidade internacional (GILBOA, 2001, p. 2).

Joseph Nye (1990) explica que *soft power* é a capacidade de conseguir resultados em questões internacionais por meio da atração em vez da coerção. A sociedade da informação proporcionou a formação de uma sociedade em rede e interdependente (KEOHANE; NYE, 1989), na qual a administração da visibilidade e a produção de imagens e percepções positivas dos Estados entre os formadores de opinião pública passaram a ser preocupações centrais de governos voltados para a construção de reputação favoráveis, facilitadora de implementações de suas políticas (BURITY; NOGUEIRA, 2014, p. 376).

As novas tecnologias e a emergência de novos meios de comunicação de massa exigem cada vez mais dos Estados a capacidade de interagir em intervalos de tempos menores e produzir múltiplas respostas ao mesmo tempo, sem perder a capacidade de avaliação e reflexão dessas interações (VALENTE, 2007, p. 27). No artigo *Ciberpolitik: the changing nature of power in the Information Age*, David J. Rothkopf enumera sete fenômenos distintos que sistematizam as mudanças ocorridas na economia globalizada a partir das novas tecnologias da informação: capacidade de interconexão (a interconexão transformou as Relações Internacionais em relações de tempo real, que acontecem a qualquer hora e que exigem respostas imediatas); descentralização e desagregação (referente à tomada de decisões, característica problemática para a manutenção de um discurso comum e que exige um aparato de controle mais apurado); desintermediação (a comunicação entre os agentes de Estados é cada vez menos passível de intermediação); deslocamento do real para o virtual (possibilidade de tornar a presença virtual e a simulação cada vez mais operantes dentro das Relações Internacionais, como por exemplo, a criação de consulados virtuais e laboratórios de novas práticas diplomáticas – *Real Time Diplomacy*); aceleração (instantaneidade no processo de comunicação entre governos); amplificação (capacidade de redimensionar temas e de amplificação das pautas entre os Estados, por meio da *agenda setting*, por exemplo); aumento da assimetria

de poder (o novo contexto comunicacional contribui para a diferença ainda maior de poder entre as já nações hegemônicas e os países pobres).

Os Estados tentam se adaptar à nova realidade e passam a elaborar instrumentos e estratégias a partir dessa nova realidade na tentativa de ampliarem o seu poder no cenário internacional. Essa complexa rede de comunicação e os seus variados recursos tecnológicos são eficazes instrumentos de política externa e ganham cada vez mais espaço dentro do campo do relacionamento entre os Estados (VALENTE, 2007, p. 23). Raymond Aron enxerga a revolução da informação como um instrumento para ampliar, manter ou conquistar poder em âmbito internacional (BURITY, 2013, p. 167). Aron (2002) já previa a importância da informação como peça no jogo das Relações Internacionais e, segundo ele, os Estados praticam uma diplomacia total ao se relacionarem uns com os outros, em que uma série de variáveis, e não somente os pilares tradicionalmente concebidos nos estudos em Relações Internacionais, tem grande valor.

Utilizando o conceito de fluidez da nova modernidade (BAUMAN, 2001), compreende-se a comunicação como um pilar fluido, sem a materialidade sólida, mas com a capacidade de fortalecer ou corroer os demais pilares. Ele não é capaz de definir sozinho as posições no jogo internacional, como no caso dos pilares clássicos. Porém, é uma estrutura fundamental à manutenção do poder de um Estado, capaz de fortalecer ou enfraquecer os efeitos dos pilares econômicos, político e militar no sistema internacional.

### **A diplomacia midiática no Brasil**

Neste cenário internacional definido pelas novas tecnologias da informação, pode-se verificar a tentativa de utilização estratégica dos recursos de diplomacia midiática pelo governo brasileiro para a promoção de uma percepção favorável do país no exterior. A política externa brasileira também passa a ser afetada pela Era da Informação e precisa repensar as suas estratégias diplomáticas de acordo com os três modelos analíticos conceituais sugeridos por Gilboa em 2001. Desde o governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), passando pelos dois mandatos de Lula (2003-2010), pelo governo da Presidente Dilma Rousseff (2011-2016) até o atual governo do Presidente interino Michel Temer, a adoção de estratégias políticas voltadas para a construção de imagens positivas do país em todos os âmbitos e o entendimento de sua importância para a própria atividade diplomática passou a orientar diversas ações e programas brasileiros (BURITY; NOGUEIRA, 2014, pp. 376-377).

No caso de FHC, este teve o mérito de projetar o país na cena internacional a partir de parâmetros ligados à ideia de que o Brasil retornava à prática de políticas democráticas e com base na própria reputação do ex-presidente como um “intelectual internacional” (LESSA; GAVIÃO apud BURITY; NOGUEIRA, 2014, p. 377). No entanto, foi no governo do ex-presidente Lula que ocorreu uma verdadeira reforma estrutural e uma mudança conceitual no campo da comunicação governamental. Até o ano de 2003, a política de comunicação social do governo federal não possuía um planejamento específico e um modelo de comunicação integrado entre todos os órgãos do poder executivo federal, sem falar que a comunicação e interlocução com a imprensa internacional eram esporádicas, voltadas para pequenas demandas sem planejamento em longo prazo (BURITY; NOGUEIRA, 2014, p. 385).

Em março de 2007, foi criada a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), na tentativa de acabar com a fragmentação da política de comunicação encontrada até então na Secretaria de Imprensa da Presidência da República. Essa nova estrutura da comunicação social estatal deu margem ao desenvolvimento das notícias relacionadas à política externa e a Área Internacional do Secom/PR passou a se relacionar diretamente com a imprensa internacional e os correspondentes estrangeiros.

De acordo com o Balanço de Política Externa 2003-2010, no Itamaraty, o Departamento Cultural possui atribuições diretamente ligadas à diplomacia pública, auxiliando na divulgação no exterior da cultura brasileira. No escopo desse departamento, a Coordenação de Divulgação (Divulg) é responsável por disseminar informações sobre a política externa brasileira no exterior. A Subsecretaria-Geral de Cooperação e Promoção Comercial é responsável pelas atividades de diplomacia pública para promover a formação de redes entre atores privados da sociedade, nesse caso, atuando na área comercial e financeira para divulgar a imagem do Brasil e a qualidade de seus produtos. O MRE também possui a Assessoria de Imprensa do Gabinete que atende jornalistas e serve como fonte de informações para formadores de opiniões internacionais e o Portal do Itamaraty na internet disponibiliza uma sessão denominada “sala de imprensa”, na qual constam todas as notas divulgadas à imprensa, assim como artigos e entrevistas dos Ministros e diplomatas (BURITY; NOGUEIRA, 2014, pp. 386-387).

A consolidação da sociedade democrática e a mudança nos hábitos de consumo de mídia no Brasil reforçaram a necessidade de maior participação e de maior transparência dos atos governamentais. Com o desenvolvimento da chamada “Web 2.0”, relacionada à maior interação e participação do usuário nas mídias digitais, a participação do público passou a ocorrer de maneira direta e instantânea. O MRE mantém diversos perfis em plataformas de mídias sociais e de conteúdo digital, com os objetivos de estabelecer canais de comunicação do Ministério com a sociedade e de compartilhar informações sobre o cotidiano do Itamaraty, além dos principais eventos e iniciativas da política externa brasileira.

De acordo com o Blog do Itamaraty, o Itamaraty é reconhecido como uma das chancelarias mais atuantes nas mídias digitais em todo o mundo. Com mais de 110 mil seguidores em suas três contas de Twitter (em português, inglês e espanhol), mais de 65 mil “curtidas” na página do Facebook, mais de 5 mil fotos no Flickr e mais de 1 milhão de visualizações no YouTube, o MRE tem sido estudado como exemplo de comunicação e interação com o público. Segundo estudo recente publicado pelo Twiplomacy<sup>4</sup>, o perfil do Itamaraty no Twitter é o mais conectado entre os Ministérios das Relações Exteriores da América Latina e está entre as 20 maiores contas relacionadas de política externa.

### **Uma análise do discurso da diplomacia do twitter no governo Temer – primeiros apontamentos**

Optou-se neste artigo, pela metodologia da análise de discurso tendo em vista que por intermédio do discurso é possível reconhecer as dualidades entre a retórica e a prática. A partir do discurso, também é

<sup>4</sup>Twiplomacy é o principal estudo global de líderes mundiais no Twitter, que tem como objetivo identificar o grau em que os líderes mundiais usam o Twitter e como eles se conectam na rede social.



possível enxergar alguns possíveis interesses que determinados setores da sociedade internacional defendem. Cabe ressaltar também que por meio dos discursos são caracterizados elementos de dominação, de ideologia e de poder. Nesse sentido, os meios de comunicação tornam-se importantes ferramentas para se analisar as narrativas e os discursos construídos.

Como ressalta Hansen (2006), a língua pertence à dimensão social, política e cultural de uma sociedade. A língua representa um sistema instável onde sinais são evidenciados a partir da construção da identidade e da diferença. Através da linguagem é possível enxergar as implicações do discurso político marcados por construções específicas e subjetividades. Os meios de comunicação na medida em que trabalham com diversos tipos de linguagem atuam de modo ambíguo. Portanto, para entender a linguagem é preciso observar o local de produção, reprodução de particulares subjetividades e identidades ao mesmo tempo enxergar as exclusões e os silenciamentos.

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesa e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p.9).

A análise do campo discursivo orienta-se de forma a tratar e a compreender o enunciado. Para, além disso, o discurso permite enxergar as estreitezias, as singularidades determinando condições de sua existência. Por intermédio do discurso, algumas correlações com outros tópicos mostram que outras questões acabam por serem marginalizadas. A análise de discurso possibilita demarcar as superfícies das primeiras emergências, as instâncias de delimitação chegando inclusive às grades de especificação (FOUCAULT, 1997, p.31).

Como bem lembra Roxanne Doty (1993), a análise de discurso permite observar as concepções de poder que são inerentes as práticas discursivas pelos quais os agentes são construídos. Ao longo do tempo é possível enxergar que as práticas discursivas não são feitas com uma base onde o centro é fixo e estável. Isto é, as práticas discursivas constituem termos e modos de subjetivação de modo disperso e espalhados por vários locais (MILLIKEN, 1999).

A análise de discurso, da diplomacia do Twitter, mostra um recorte/amostra que foi realizado, para entendermos, o modo como o antigo Ministro das Relações Exteriores, José Serra (2016-2017), durante os primeiros apontamentos da gestão do governo do presidente Michel Temer (2016-), utilizou-se para responder aos questionamentos dos governos vizinhos da região da América Latina e das Organizações Internacionais, quanto à legitimidade do recente governo e também como modo de mostrar os novos desenhos geopolíticos, geoestratégicos do que ele chamou da Nova Política Externa Brasileira.

John Postil (2012) afirma que há cada vez mais, um aumento do uso de mídias digitais e redes sociais, por diversos atores políticos (políticos, jornalistas, ativistas e líderes religiosos). Ainda que seja muito recente, o termo digital começou a adquirir moeda, ou seja, por meio da digitalização, a política tradicional começou a perceber, as novas formas e maneiras de se pensar, de se construir e constituir a política. A adesão de novas técnicas de marketing constrói um Estado digital, onde busca-se melhorar as imagens não apenas do político, mas também, das agências pertencentes ao Estado. Para além disso, uma

grande rede colaborativa busca democratizar as tomadas de decisão desse Estado Digital (FOUNTAINS, 2001). Num mundo marcado pela Era digital, as conexões pessoais ganham cada vez mais relevância, tanto sob o aspecto da interatividade, da estrutura temporal, das pistas, dos armazenamentos, do alcance e da mobilidade, sobretudo, da política em rede (BAYM, apud POSTIL 2012).

O governo digital é a conectividade, o campo da democracia digital tem no seu núcleo, o conceito de "esfera pública", associado ao filósofo social Jürgen Habermas. Uma esfera pública é "uma arena, independente do governo [e do mercado]. . . Que é dedicado ao debate racional e que é tanto acessível à entrada e aberto à inspeção pelos cidadãos (POSTIL, 2012, p.166)<sup>5</sup>.

Nesse sentido, justifica-se a escolha do Twitter, como meio de comunicação, tendo em vista que a rede social se tornou um dos principais canais de mídia social, utilizados pelos líderes políticos, de acordo com *'Twiplomacy Study 2015: How world leaders connect on Twitter'*<sup>6</sup> da agência Burson-Marsteller<sup>7</sup>. Segundo a agência Burson-Marsteller, quando os líderes mundiais querem alcançar grandes audiências com mensagens-chaves e soundbites<sup>8</sup> fazem uso das redes sociais. *Twiplomacy* é o principal estudo da atuação de líderes globais no Twitter, possuindo como objetivo identificar o grau em que esses líderes usam o Twitter e como eles se conectam na rede social. Até 24 de março de 2015, 86 por cento dos 193 países membros da ONU tinham presença no Twitter. Pequim continua a ser o único governo membro do G20 sem uma presença oficial nesse dispositivo de comunicação digital. 172 chefes de Estado e chefes de governo têm contas pessoais e mais da metade dos chanceleres do mundo e suas instituições estão ativos nessa rede social.

Para muitos diplomatas, o Twitter tornou-se um poderoso canal para a diplomacia digital e políticas de Estado no século XXI. Por exemplo, durante as negociações sobre o Irã em Lausanne (março/abril de 2015), Twitter foi o canal de mídia social preferido pelas partes negociadoras para atualizar a mídia, assim como o público em geral; Twitter foi essencial para disseminar globalmente o aperto de mão histórico entre Barack Obama eo presidente cubano Raul Castro na 7ª Cúpula das Américas no Panamá em abril 2015; também em abril de 2015 a ex-secretária de Estado, Hillary Clinton escolheu, exclusivamente, Twitter e YouTube para anunciar sua candidatura presidencial de 2016.

Em 24 de março de 2016, Matias Spektor definia como 'diplomacia do impeachment' as ações diplomáticas ofensivas contra o impeachment da Presidente Dilma Rousseff. O governo petista acionou parte do corpo de embaixadores residentes em Brasília, estabeleceu canais de comunicação com governos estrangeiros e iniciou sua defesa perante a opinião pública internacional. A imagem que se tentava passar era a de uma grande conspiração para desferir um golpe branco contra a República. Por outro lado, a oposição começava a se mexer e já acionavam as suas redes de contatos profissionais para moldar a conversa pública internacional sobre a situação do país. De acordo com Spektor, a 'diplomacia do impeachment' seria determinada por três atores fundamentais: Mauricio Macri e sua influência na UNASUL e no MERCOSUL;

<sup>5</sup> Tradução Nossa.

<sup>6</sup> Estudo "Diplomacia do Twitter" 2015: como líderes globais se conectam no Twitter.

<sup>7</sup> Burson-Marsteller é uma agência líder em relações públicas e comunicação global.

<sup>8</sup> No contexto do jornalismo, é caracterizado por uma frase curta ou frase que capta a essência do que o falante estava tentando dizer, e é usado para resumir as informações e seduzir o leitor ou espectador.



Barack Obama e seu poder de definição da atitude de grande parte da comunidade internacional; uma poderosa rede internacional de juristas com influência na ONU.

A discussão sobre o impeachment da Presidente da República, Dilma Rousseff, repercutiu na imprensa internacional, reforçando o tema da crise política brasileira como pauta internacional. No âmbito da América Latina, Colômbia, Argentina, Chile e Paraguai se recusaram a aceitar a tese de que havia um golpe em curso no país. Ao mesmo tempo em que Bolívia, Equador, Cuba e Venezuela manifestaram seu apoio à Presidente. Estas posições divergentes refletiram o posicionamento da UNASUL e do MERCOSUL. Inicialmente, Ernesto Samper, Secretário-Geral da UNASUL, emitiu uma nota em apoio à Dilma Rousseff. Todavia, em reunião de Ministros das Relações Exteriores da UNASUL, em maio de 2016, para institucionalizar a troca da presidência da organização, não foi aprovada uma moção de repúdio ao processo de impeachment no Brasil. No MERCOSUL, a polarização dos países vizinhos não foi diferente. Não existe consenso entre os países para sustentar uma decisão favorável à cláusula democrática e possível suspensão do Brasil da organização, como ocorreu em 2012 com o Paraguai. Em nota, o Secretário-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Luis Almagro Lemes, também criticou a atuação do Judiciário e do Legislativo brasileiro em claro apoio à Presidente Dilma Rousseff. Os EUA se mostraram neutros em relação à questão (GONÇALVES, 2016, p. 2).

Em tempos de crise política, o Itamaraty tem que lidar com a ausência de coesão no corpo diplomático e com os embates políticos no alto escalão do governo, além de contornar problemas relacionados à credibilidade política e econômica do país no âmbito internacional (GONÇALVES, 2016, p. 5). Dessa forma, o Ministério das Relações Exteriores tenta se fortalecer institucionalmente, aumentar a sua capacidade de coordenação da política externa e recuperar a imagem do país no cenário internacional. Para tal finalidade, no dia seguinte ao anúncio de Serra como novo Ministro das Relações Exteriores do governo Temer, seis mensagens são veiculadas no Twitter<sup>9</sup> em repúdio às manifestações dos governos da Venezuela, Cuba, Bolívia, Equador e Nicarágua, além da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América/Tratado de Comércio dos Povos (ALBA/TCP) e do Secretário-Geral da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL), Ernesto Samper, sobre a situação política interna brasileira:



<sup>9</sup>Fonte: conta oficial do MRE Brasil – Itamaraty no Twitter: @ItamaratyGovBr

**Manifestações sobre a situação interna no Brasil**

O Ministério das Relações Exteriores rejeita enfaticamente as manifestações dos governos da Venezuela, Cuba, Bolívia, Equador e Nicarágua, assim como da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América/Tratado de Comércio dos Povos (ALBA/TCP), que se permitem opinar e propagar falsidades sobre o processo político interno no Brasil. Esse processo se desenvolve em quadro de absoluto respeito às instituições democráticas e à Constituição Federal.

Como qualquer observador isento pode constatar, o processo de impedimento é previsão constitucional; o rito estabelecido na Constituição e na Lei foi seguido rigorosamente, com aval e determinação do STF; e o Vice-Presidente assumiu a presidência por determinação da Constituição Federal, nos termos por ela fixados.

Leia a nota do Itamaraty sobre manifestações acerca da situação interna no Brasil: [itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-...](http://itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-...)

Translate from Portuguese

7:30 PM · 13 May 16

Ministério das Relações Exteriores repudia declarações do Secretário-Geral da UNASUL, Ernesto Samper, sobre a conjuntura política no Brasil.

Translate from Portuguese

7:34 PM · 13 May 16

As declarações do Sec.-Geral da UNASUL qualificam de maneira equivocada o funcionamento das instituições democráticas do Estado brasileiro.

Translate from Portuguese

7:34 PM · 13 May 16

Os juízos e interpretações do SG da UNASUL são incompatíveis com as funções que exerce e com o mandato que recebeu dos países sul-americanos

Translate from Portuguese

7:34 PM · 13 May 16

Leia a nota do Itamaraty sobre as declarações do Secretário-Geral da UNASUL sobre a situação interna no Brasil: [itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-...](http://itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-...)

Translate from Portuguese

7:34 PM · 13 May 16



## Declarações do Secretário-Geral da UNASUL sobre a situação interna no Brasil

O Ministério das Relações Exteriores repudia declarações do Secretário-Geral da UNASUL, Ernesto Samper, sobre a conjuntura política no Brasil, que qualificam de maneira equivocada o funcionamento das instituições democráticas do Estado brasileiro.

Os argumentos apresentados, além de errôneos, deixam transparecer juízos de valor infundados e preconceitos contra o Estado brasileiro e seus poderes constituídos e fazem interpretações falsas sobre a Constituição e as leis brasileiras. Além disso, transmitem a interpretação absurda de que as liberdades democráticas, o sistema representativo, os direitos humanos e sociais e as conquistas da sociedade brasileira se encontrariam em perigo.

O Ministério das Relações Exteriores repudia declarações do Secretário-Geral da UNASUL, Ernesto Samper, sobre a conjuntura política no Brasil, que qualificam de maneira equivocada o funcionamento das instituições democráticas do Estado brasileiro.

Os argumentos apresentados, além de errôneos, deixam transparecer juízos de valor infundados e preconceitos contra o Estado brasileiro e seus poderes constituídos e fazem interpretações falsas sobre a Constituição e as leis brasileiras. Além disso, transmitem a interpretação absurda de que as liberdades democráticas, o sistema representativo, os direitos humanos e sociais e as conquistas da sociedade brasileira se encontrariam em perigo. A realidade é oposta.

Tais juízos e interpretações do Secretário-Geral são incompatíveis com as funções que exerce e com o mandato que recebeu do conjunto de países sul-americanos nos termos do Tratado Constitutivo e do Regulamento Geral da UNASUL.

Ao se posicionar no Twitter do MRE Brasil – Itamaraty para rechaçar publicamente as críticas feitas por países vizinhos ao impeachment da presidente Dilma Rousseff e justificar que esse processo é previsão constitucional e, portanto, que o Vice-Presidente assumiu a presidência por determinação da Constituição Federal, nos termos por ela fixados, estaria a diplomacia de José Serra utilizando os meios digitais para praticar uma política do Estado brasileiro ou uma política do Governo Temer? Para o ex-chanceler Celso Amorim, “em suas primeiras ações, o novo chanceler disse a que veio”. As notas divulgadas pelo Itamaraty foram estranhamente atribuídas ao MRE e não ao governo brasileiro com o intuito provável de enfatizar a autoria.

Ao mesmo tempo, sob a ótica de um pragmatismo imediatista, tenta-se a diferenciação do governo Temer em relação aos governos anteriores, acusados de ação partidária em suas ações de política externa. De acordo com o diplomata e professor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais do Ministério das Relações Exteriores, Paulo Roberto de Almeida, o primeiro gesto público da nova diplomacia brasileira pode ser visto como um alerta aos antigos aliados do PT no plano regional e internacional, no sentido em que o Brasil não mais favorecerá e privilegiará relações políticas especiais com os chamados países bolivarianos. Para o professor de Relações Internacionais da FGV, Oliver Stunkel<sup>10</sup>, há certo exagero quando se consideram as diferenças ideológicas entre o PT e o PSDB na área de política externa. Para Stunkel a ênfase às relações sul-sul no governo Lula era mais uma questão de contexto e de oportunidade e se Serra tivesse sido eleito em 2003, no lugar de Lula, a relação sul-sul também teria sido uma marca de seu governo. Finalmente, para Camila Asano<sup>11</sup>, coordenadora de Política Externa da ONG Conectas Direitos Humanos, os sinais emitidos por Serra no Twitter são preocupantes. Para ela, uma decisão dessa envergadura, com tantos

<sup>10</sup> Fonte: <http://www.postwesternworld.com/>

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.conectas.org/>

impactos no cosmopolitismo e na imagem que o Brasil tem projetado nos últimos anos, não pode ser tomada a portas fechadas, sem consultar a sociedade.

Analisando sistematicamente as seis postagens do MREBrasil – Itamaraty no Twittersob a ótica dos três modelos analíticos conceituais de diplomacia midiática desenvolvidos por Gilboa em 2001, pode-se verificar que as mensagens digitais do Itamaraty possuem uma característica multifuncional, ou seja, elas não se direcionavam exclusivamente a uma audiência ou a uma finalidade específica. Por um lado, as mensagens no Twitter visavam a contornar problemas relacionados à credibilidade político-institucional do Brasil no exterior, influenciando a opinião pública internacional sobre os acontecimentos a respeito do Impeachment da Presidente Dilma Rousseff (caracterizando a comunicação como diplomacia pública).

Por outro lado, as postagens no Twitter tinham como objetivo a comunicação com os chefes de Estados para a construção de pontes e da confiança com o governo recém-empossado (caracterizando a comunicação como diplomacia na mídia). Dessa forma, a diplomacia brasileira tenta aumentar o seu poder de *agenda setting* e introduzir um assunto de seu interesse (sob o seu ponto de vista) na pauta da mídia internacional e de outros Estados-alvos, aumentar a sua capacidade de atuar diretamente sobre as elites ou sobre os atores democráticos responsáveis pela formulação e pela manutenção dos interesses nacionais (VALENTE, 2007 apud BURITY; NOGUEIRA, 2014, p. 380). Ao tentar influenciar a agenda da mídia internacional, a diplomacia de Serra intenta influenciar a opinião pública mundial, criando um ambiente político favorável para o novo governo que assume o poder no Brasil.

No entanto, conforme argumentado por João Paulo Charleaux, a comunicação pública não é a primeira ferramenta da diplomacia para resolver impasses entre Estados. Essa opção de bater de frente e, principalmente, por meio de notas públicas é incomum, sendo os canais bilaterais e a discrição, normalmente, priorizados. Sob Serra, o Itamaraty usou todos os meios de comunicação à disposição para rebater seus críticos, dando o maior alcance possível à divergência. Se Lula e Dilma fizeram de tudo para contornar atritos com líderes vistos muitas vezes como histriônicos na região, Serra fez do embate público com eles sua primeira medida, dando a entender que a linha mudou.

### **Considerações Finais**

O conceito de e-Government apresentado pelo Banco Mundial, que o define como sendo um “processo de reforma no modo que os governos trabalham, compartilham informação e prestam serviços para os seus clientes externos e internos” nos remete à necessidade de se alargar o conceito de diplomacia tradicional e as próprias funções do “novo diplomata” (APRIGIO, 2010, p. 4). Nesse contexto, além de gerenciar e divulgar as informações nas comunicações Governo-Governo, com as novas tecnologias da comunicação, a diplomacia digital alarga o espectro comunicacional da diplomacia tradicional e passa a incluir as relações Governo-Cidadão e Cidadão-Governo (incluindo, nessa esfera, todos os atores não estatais). Com a diplomacia brasileira do Governo Temer não poderia ser diferente. O Itamaraty procura se adequar à contemporaneidade e utiliza as mídias sociais digitais para divulgar aos Chefes de Estado informações favoráveis aos seus objetivos e, ao mesmo tempo, influenciar a opinião dos atores não

governamentais. Para tais finalidades, o Twitter se apresenta como uma ferramenta de comunicação e informação relevante para o exercício da diplomacia brasileira contemporânea.

Esta pesquisa foi desenvolvida ainda no início da gestão Temer e, portanto, é uma tentativa de traçar alguns primeiros apontamentos iniciais a respeito das atividades da diplomacia digital deste governo, ilustrando como o Twitter foi utilizado como uma das primeiras ferramentas para a comunicação em âmbito internacional do seu posicionamento a respeito do Impeachment da ex-Presidente Dilma Rousseff. Sugere-se que, estudos futuros sejam desenvolvidos acompanhando as atividades do MRE no Twitter durante um período temporal mais amplo e, a partir de um volume maior de postagens, possam analisar a evolução do posicionamento do Itamaraty com relação ao Impeachment e as estratégias da diplomacia digital do governo Temer.

## REFERÊNCIAS

- APRIGIO, André E. Ribeiro de Souza. Diplomacia digital e o papel do “novo diplomata”. **Revista Mundorama**. 18 de junho de 2010. Acesso em: 20 de julho de 2016.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. Política externa e política econômica no Brasil pós-PT. **Revista Mundorama**. 07 de julho de 2016. Acesso em: 22 de julho de 2016.
- ARON, R. **Paz e Guerra entre as nações**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- AMORIM, Celso. *Guinada à direita no Itamaraty*. **Folha de São Paulo**. 22 de maio de 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/05/1773728-guinada-a-direita-no-itamaraty.shtml>. Acesso em: 22 de julho de 2016.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BLOG DO ITAMARATY. *A Diplomacia na era digital*. Disponível em: <http://blog.itamaraty.gov.br/65-diplomacia-publica/163-a-diplomacia-na-era-digital>. Acesso em: 20 de julho de 2016.
- BURITY, Caroline Rangel Travassos. **A influência da mídia nas relações internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de diplomacia midiática**. Contemporânea, v.1, n. 21, 2013, p. 164-177.
- \_\_\_\_\_; NOGEURA, Sílvia Garcia. A construção da imagem do Brasil no exterior e a diplomacia midiática no governo Lula. **Revista de Ciências Sociais**, n. 41, Outubro de 2014, pp. 375-397. Acesso em: 20 de julho de 2016.
- \_\_\_\_\_. *Mídia e Relações Internacionais: o conceito de Diplomacia Midiática*. **Diálogos Internacionais**, 16 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.dialogosinternacionais.com.br/2015/11/midia-e-relacoes-internacionais-o.html>. Acesso em: 20 de julho de 2016.
- CAMARGO, Julia Faria. **Ecos do Frigor: a invasão do Iraque em 2003. A mídia internacional e a imprensa brasileira**. Dissertação. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade Nacional de Brasília, Distrito Federal, 2008. Disponível em: [http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3671](http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3671). Acesso em: 21 de julho de 2016.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



- CHARLEAUX, João Paulo. *O que revelam as primeiras investidas de Serra na diplomacia*. **Nexo Jornal**. 17 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/05/17/O-que-revelam-as-primeiras-investidas-de-Serra-na-diplomacia>. Acesso em: 22 de julho de 2016.
- DOTY, Roxanne Lyn. Foreign Policy as Social Construction: A Post-Positivist Analysis of U.S. Counterinsurgency Policy in the Philippines. **International Studies Quarterly** (1993) 37, 297-320.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michael. **A Arqueologia do Saber (5ª Edição)**. Rio de Janeiro: Editora Forence Universitárias, 1997.
- FOUNTAIN, J. E. **Building the Virtual State: Information Technology and Institutional Change**. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2001.
- GILBOA, Eytan. Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects. **Diplomacy & Statecraft**, v. 12, n. 2, 2001, p. 1-28. Acesso em: 20 de julho de 2016.
- \_\_\_\_\_. Global Communication and Foreign Policy. **Journal of Communication**. Dezembro de 2002. Acesso em 23 de julho de 2016.
- GONÇALVES, Fernanda Cristina. Política externa brasileira em tempos de crise. **Revista Mundorama**. 23 de maio de 2016. Acesso em: 26 de julho de 2016.
- HANSEN, Lene. **Security as Practice Discourse analysis and the Bosnian war**. London: Routledge, 2006.
- LESSA, Mônica; GAVIÃO, Leandro. Política externa, mídia e propaganda nos governos Lula da Silva (2003-2010). In: FREIXO, Adriano de et al. (orgs.). **A política externa brasileira na Era Lula: um balanço**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- MILLIKEN, Jennifer. “The Study of Discourse in International Relations: A Critique of Research and Methods”. In. **European Journal of International Relations**. Vol. 5:225, pp. 225-254, 1999.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Secretaria de Planejamento Diplomático. Balanço de Política Externa 2003-2010. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/temas/balanco-de-politicaexterna-2003-2010>>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Mapa de mídias digitais do Itamaraty*. Disponível em: [http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8806&Itemid=730&lang=pt-BR](http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8806&Itemid=730&lang=pt-BR). Acesso em: 22 de julho de 2016.
- NYE, Joseph. Soft Power. **Foreign Policy**, 80 (Outono de 1990), pp. 153-171.
- \_\_\_\_\_. **Cooperação e conflito nas Relações Internacionais**. São Paulo: Gente Editora, 2009.
- \_\_\_\_\_; OWENS, W. A. America's information edge. **Foreign Affairs**, 75 (1996), pp. 20-36
- POSTIL, John. Digital Politics and Political Engagement. In HORST, Heather A; MILLER, Daniel. **Digital Anthropology**. London: BERG, 2012.
- ROTHKOF, David. Ciberpolitik: The changing nature of power in the Information Age. **Journal of International Affairs**, v. 51, n. 2, 1998, p. 325-360.
- SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - SECOM/PR. Séries históricas. Comunicação com a Sociedade. Área Internacional. Disponível em: <[https://13gov.planejamento.gov.br/textos/livro6/6.5Comunicacao\\_com\\_a\\_sociedade.pdf](https://13gov.planejamento.gov.br/textos/livro6/6.5Comunicacao_com_a_sociedade.pdf)>. Acesso em: 22 de julho de 2016.



SPEKTOR, Maria. *Diplomacia do impeachment*. **Folha de São Paulo**. 24 de março de 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/matiasspektor/2016/03/1753475-diplomacia-do-impeachment.shtml>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

VALENTE, Leonardo. **Política Externa na Era da Informação**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

*Recebido em 03 de fevereiro de 2017.  
Aprovado em 05 de junho de 2017.*

## RESUMO

Esse trabalho analisa o fenômeno da diplomacia digital, mais especificamente, como a diplomacia brasileira utilizou o Twitter para se posicionar inicialmente no âmbito internacional a respeito do Impeachment da Presidente Dilma Rousseff. Parte-se da hipótese de que como consequência das mudanças ocorridas na política externa a partir das novas tecnologias da informação, o Twitter se apresenta como um eficiente canal de comunicação e de disseminação de informações diplomáticas na contemporaneidade. Para verificar tal proposição, serão analisadas seis postagens do Ministério das Relações Exteriores no Twitter, no dia 13 de maio de 2016, em repúdio às manifestações de alguns governos da América Latina contra o Impeachment. Questiona-se: como, neste caso específico, a diplomacia brasileira no governo do Presidente interino, Michel Temer, compatibilizou as novas tecnologias para comunicar o seu posicionamento entre governos e disseminar informações instantaneamente entre os cidadãos de todo o mundo?. Metodologicamente, o artigo fez uso de uma análise de discurso sobre as postagens do Twitter. Além disso, utilizou-se uma literatura interdisciplinar entre os campos das Relações Internacionais e da Comunicação Social.

**Palavras-chave:** Política Externa, Diplomacia Digital, Twitter, Governo Temer.

## ABSTRACT

This work analyzes the phenomenon of digital diplomacy, more specifically, how the Brazilian diplomacy used Twitter to initially position itself internationally on the issue of the Impeachment of President Dilma Rousseff. It is assumed that because of changes in foreign policy from the new information technologies, Twitter presents itself as an efficient channel of communication and dissemination of diplomatic information in the contemporary world. To verify this proposition, six posts from the Ministry of Foreign Affairs on Twitter, on May 13<sup>th</sup>, 2016, will be analyzed in repudiation of the manifestations of some governments of Latin America against the impeachment of the President of the Republic, Dilma Rousseff. It is questioned: how, in this specific case, Brazilian diplomacy in the government of interim President Michel Temer made compatible the new technologies to communicate their position among governments and to disseminate information instantly among citizens around the world? Methodologically, the article makes use of a discourse analysis on how Twitter posts. In addition, an interdisciplinary literature was used in the fields of International Relations and Social Communication.

**Key-words:** Foreign Policy, Digital Diplomacy, Temer Government.